

AGRICULTURA EM SÃO PAULO Revista Científica do
Instituto de Economia Agrícola

Ano 38

Tomo 3

1991

A EVOLUÇÃO RECENTE DO COMÉRCIO DE PRODUTOS DA FLORICULTURA NO BRASIL(1)

Elcio Umberto Gatti (2)

RESUMO

O trabalho apresenta um panorama recente do comércio brasileiro de produtos da floricultura. As estatísticas referentes ao comércio interno e externo, no período 1983-1990, foram coletadas e passaram por tratamento estatístico e gráfico convencionais, de modo a facilitar a visualização do comportamento do setor. Com relação ao comércio interno, além dos aspectos qualitativos, os dados referentes ao comércio atacadista da cidade de São Paulo, principal centro consumidor do País, evidenciaram crescimento nas quantidades comercializadas na maioria dos produtos e comportamento sazonal da oferta. Quanto ao comércio externo, além do crescimento expressivo do valor das exportações brasileiras no período (122%), os dados sobre as participações relativas dos diversos produtos da floricultura nas exportações do setor mostraram a elevada participação de rosas e flores secas (19,1%), de folhagens ornamentais (10,2%), de bulbos de gladiolo (8,9%), de mudas de orquídeas (2,9%) e de outras mudas (33,8%).

Palavras-chave: floricultura, comércio, exportações.

RECENT DEVELOPMENT OF FLORICULTURAL PRODUCTS TRADE IN BRAZIL

SUMMARY

This paper aims to analyse the recent development of flower marketing from 1983 to 1990. Data concerning domestic and foreign trade during this period were collected and conventional statistics and graphics treatments were carried on to permit a better view of the sector's behavior. As far as domestic marketing is concerned, besides qualitative aspects, the data related to the wholesale market in the city of São Paulo - the main consumer center of Brazil - show an increasing amount of trade for most floricultural products marketed in the period, and the supply is seasonal. Concerning foreign trade, besides an expressive growth of Brazilian exports in the period (122%), the data reveal a share of 19.1% for roses and dried flowers; 10.2% for decorative cut foliage, 8.9% for gladioli bulbs, 8.9% for orchid seedlings, and 33.8% for other indoor plants.

Key-words: floriculture, marketing, exportations.

(1) Trabalho referente ao projeto SPTC 16-019/91. Recebido em 25/09/91. Liberado para publicação em 06/01/92.

(2) Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (IEA).

1 - INTRODUÇÃO

Em 1990, segundo dados do Departamento de Comércio Exterior (DECEX), do Ministério da Economia, Fazenda e Planejamento, as exportações brasileiras de produtos da floricultura alcançaram o significativo valor de 9,2 milhões de dólares, apesar de o Brasil participar apenas marginalmente de um mercado mundial que, em 1987, de acordo com estatísticas das Nações Unidas (13) atingiu o montante de 4,7 bilhões de dólares.

Para se ter idéia da importância do valor exportado pelo setor brasileiro de floricultura basta comparar com as exportações de outros setores. As exportações brasileiras em 1990, segundo o Banco Central (15), totalizaram US\$31,4 bilhões, dos quais US\$8,7 bilhões de produtos primários, onde se enquadram as exportações de flores e produtos da floricultura, que totalizaram nesse ano US\$9,2 milhões; pequena participação se comparada aos totais, porém, similar às exportações de bananas (US\$9,0 milhões), sisal bruto (US\$7,0 milhões) e metade das exportações de laranja in natura (US\$18,0 milhões). Essas comparações são necessárias para ressaltar que nem sempre o setor floricultura é tratado com a devida relevância; as estatísticas a ele referentes são escassas e pouco detalhadas e o apoio institucional quase inexistente.

Nesse sentido, o presente estudo tem por finalidade apresentar um panorama recente do comércio brasileiro interno e externo dos produtos da floricultura, coletando e comentando as informações disponíveis. Com relação ao comércio interno, o trabalho ater-se-á mais detalhadamente ao Estado de São Paulo, particularmente, à capital do Estado, principal centro consumidor

desses produtos no País.

2 - MATERIAL E MÉTODO

Os dados coligidos no período 1983 a 1990 dizem respeito às informações estatísticas de comércio exterior brasileiro, geradas, atualmente, pelo DECEX (6) e, anteriormente, pela CACEX, do Banco do Brasil.

Essas informações estão disponíveis até 1989, nos anuários de comércio exterior da CACEX (7) e, em relatórios do DECEX (de 1990 em diante); encontram-se classificadas, segundo a Nomenclatura Brasileira de Mercadorias (NBM), e agrupadas no Capítulo 6 - Plantas Vivas e Produtos da Floricultura, nem sempre em nível de detalhamento mais adequado a análises específicas.

Esses dados foram reagrupados em itens passíveis de comparação, eliminando-se aqueles que não faziam parte, especificamente, do setor floricultura.

Com relação às informações estatísticas sobre o comércio interno, utilizou-se das informações sobre a comercialização de alguns produtos da floricultura realizada no Entrepasto Terminal de São Paulo, da Companhia de Entrepastos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP) e divulgadas via Boletins Estatísticos Mensais e Anuais (4). Infelizmente, estes dados nem sempre são coletados e divulgados numa periodicidade adequada a análises estatísticas acuradas, porém, servem de "proxy" do comportamento desse mercado nas grandes cidades.

Todos os dados passaram por procedimentos estatísticos e são apresentados em forma de tabelas e gráficos, buscando facilitar a visualização do comportamento recente de aspectos do comércio ligado ao setor.

3 - RESULTADOS OBTIDOS E DISCUSSÃO

3.1-0 Comércio Interno

O principal comércio de flores e folhagens cortadas e plantas ornamentais no Brasil é realizado junto às capitais e grandes cidades do interior dos Estados. Muitas vezes nas cidades do interior é efetuado diretamente entre os produtores e os consumidores, nos próprios estabelecimentos de produção ou nas feiras-livres ou, ainda, entre produtores e varejistas; são bastante recentes as tentativas de comércio organizado fora dos grandes centros.

No início de 1989, a Cooperativa Agropecuária HOLAMBRA, grande produtora de flores do Estado de São Paulo, instalou em sua sede, na cidade de Jaguariúna, a 140km da Capital, um centro comercial onde funciona um sistema de leilão, o "veiling", inspirado nos pregões do principal centro de vendas de flores da Europa, Aalsmeer, na Holanda; esse sistema funciona de segunda a sábado, das 8:00 às 11:00 horas, para um público de cerca de 140 compradores cadastrados, na maioria atacadistas. Essa cooperativa conta, atualmente, com cerca de 273 cooperados, dos quais 96 produzem flores e plantas ornamentais, em cerca de 62 hectares de área coberta por estufas, 18 hectares cobertos por tela plástica (sombrite) e 620 hectares de área a céu aberto(3).

Essa iniciativa pioneira pode vir a estimular outras semelhantes por parte de floricultores, principalmente daqueles organizados em cooperativas ou associações.

Nos grandes centros, o comércio atacadista realiza-se, principalmente, nas Centrais de Abastecimento,

quando existentes, possibilitando a venda direta pelo produtor ou sua cooperativa aos compradores. Isso não impede, no entanto, que as grandes floriculturas do comércio varejista se abasteçam não somente nessas centrais como também diretamente junto aos produtores, quando estes são especializados e possuem escala suficiente de produção.

A venda de mudas de plantas ornamentais ganha características adicionais diferenciadas; a interação direta entre produtor e consumidor é realizada também através das vendas pelo correio (mala-direta). Já é tradicional o comércio de mudas de orquídeas, rosas, bulbos e outras plantas ornamentais, através da emissão de catálogos ou de anúncios em revistas especializadas e a remessa do material pelos serviços de correio. Este sistema de comércio pode vir a se expandir ainda mais se houver apoio estratégico de "marketing", no sentido de padronização e diferenciação dos produtos, pesquisa e desenvolvimento de embalagens e conquista de novos pontos de comércio, como por exemplo, as grandes cadeias de supermercados, hipermercados, etc.

No caso das vendas de mudas de orquídeas, estabelecimentos tradicionais do setor interagem diretamente com seus consumidores, localizados nos mais diversos pontos do País e mesmo em outros países; o hábito de cultivar e colecionar orquídeas começou com a fundação e expansão das associações de orquidófilos. Assim, podem ser citadas, a Sociedade Brasileira de Orquidófilos (SBO), do Rio de Janeiro, criada em 1937; a Associação Joinvillense de Amadores de Orquídeas (AJAO), localizada no Estado de Santa Catarina, fundada em 1938; e o Círculo Paulista de Orquidófilos (CPO), de São Paulo, criado em 1941, e que foram as primei-

(3) Informações relatadas pelo gerente geral do "veiling" da HOLAMBRA, Engo. Florestal Francisco Bongers, no VIII Congresso Paulista de Agronomia, realizado em julho de 1991, em São Paulo, Capital.

ras sociedades de colecionadores instaladas.

Esses núcleos, segundo CARDOSO & SILVA (5), geraram outros, expandindo assim a orquidofilia amadora nacional. Atualmente, existem cerca de 92 associações do gênero espalhadas por vários estados, e cerca de 53 produtores profissionais, que comercializam, exclusivamente, produtos ou serviços para a orquidofilia, tanto a venda de mudas, plantas em flor, flores cortadas como a prestação de serviços laboratoriais (quadro 1).

Com relação às características do comércio atacadista de flores e folhagens cortadas e de mudas ou plantas ornamentais envasadas em geral, existem algumas informações estatísticas detalhadas sobre a comercialização realizada no Entrepasto Terminal de São Paulo, que permitem certa generalização sobre o comportamento desse comércio em outros centros consumidores.

Atualmente, realiza-se nesse entreposto, nas terças e sextas-feiras, comércio específico de produtos da floricultura, atuando cerca de 790 permissionários entre produtores e suas cooperativas e comerciantes de produtos afins, ocupando cerca de 1.140 módulos.

As estatísticas referentes aos últimos anos indicam crescimento de quantidade comercializada da maioria das espécies, sendo grande o volume de vendas referentes a rosas, crisântemos, gipsófilas, gladiolos e mistura de flores, além de folhagens de samambaias, utilizadas na confecção de arranjos e buquês (quadro 2).

Com relação ao comportamento desse comércio no transcorrer do ano, GATTI (10), trabalhando com dados mensais do período 1983-87, calculou índices sazonais que permitiram conhecer a variação estacional da oferta de algumas espécies no entreposto; ressalte-se que esses padrões não se alteram no curto prazo, o que possibilita reconhecê-lo como válidos até o presente.

Assim, no comércio de rosas, aportam ao mercado nos meses de inverno (junho a setembro) menores quantidades do produto, o que se reflete nos maiores preços alcançados nesse período; quantidades acima da média aportam ao mercado no mês de maio entre outubro e fevereiro, coincidindo com datas comemorativas de grande demanda (dia das mães, em maio; finados, em novembro; e natal, em dezembro) e a época de maior produção (primavera e verão) (figura 1).

A oferta de crisântemos apresentou-se relativamente estável no transcorrer do ano, com oferta acima da média nos meses de maio e outubro, pelos mesmos motivos apontados anteriormente, embora com preços relativamente estáveis, o que se explica pela possibilidade de oferta regular durante o ano, pois os crisântemos são passíveis de produção em todas as estações, já que são cultivados em estufas, inclusive com controle de irrigação, temperatura e iluminação (figura 2).

No caso da oferta de gladiolos, apesar da sazonalidade nas quantidades ofertadas, com quantidades superiores à média do ano nos meses de maio, outubro e novembro, devido à maior demanda por ocasião das datas comemorativas, os preços, entretanto, apresentaram-se estáveis sem variações significativamente diferentes da média do ano, o que pode ser explicado pela regularidade da oferta por conta de uma associação de produtores, a cooperativa HOLAMBRA, que conseguiu aliar a técnica de produção avançada, com seleção e adaptação de variedades e o plantio programado; ressalte-se que desde a década de cinquenta os cooperados da HOLAMBRA produzem comercialmente gladiolos, tendo sido os primeiros agricultores a cultivar em grande escala essa espécie no País (figura 3).

Para as orquídeas só foi possível calcular os índices de sazonalidade das quantidades comercializadas no entreposto, devido à inexistên-

QUADRO 1. - Associações de Orquidófilos e Estabelecimentos Comerciais Dedicados Exclusivamente a Orquídeas, Principais Estados e Brasil, 1991

(em número)

Estado	Associação	Estabelecimento					
		Total	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
São Paulo	53	34	21	17	17	03	01
Minas Gerais	08	-	-	-	-	-	-
Santa Catarina	07	02	02	-	02	-	-
Rio de Janeiro	03	09	09	-	06	-	-
Paraná	03	01	01	-	-	-	-
Rio Grande do Sul	03	03	03	-	01	01	01
Goiás	02	-	-	-	-	-	-
Mato Grosso	02	-	-	-	-	-	-
Pernambuco	01	01	-	-	-	-	01
Espírito Santo	-	02	02	-	-	-	-
Bahia	-	01	-	01	01	-	-
Outros	05(*)	-	-	-	-	-	-
Brasil	92	53	38	18	27	04	03

- (1) Estabelecimentos que comercializam mudas de orquídeas.
 (2) Estabelecimentos que se dedicam ao comércio de flores de corte.
 (3) Estabelecimentos que se dedicam à exportação e/ou importação de flores e mudas.
 (4) Estabelecimentos que se dedicam a serviços laboratoriais para terceiros.
 (5) Estabelecimentos que comercializam produtos para orquidófilos.

(*) Inclui estados com apenas uma associação de orquidófilos (Amazonas, Distrito Federal, Paraíba, Ceará e Mato Grosso do Sul).

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de informações cadastrais da Coordenadoria das Associações Orquidófilas do Brasil (CAOB), revistas especializadas e associações autônomas.

QUADRO 2. - Quantidade Comercializada de Flores e Folhagens Ornamentais na Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo, 1983-90

(continua)

Flores e folhagens	Unidade	1983	1984	1985	1986
Flores naturais					
Antúrio	dúzia	80.193	37.036	81.507	36.067
Boca de leão	maço	3.490	20.158	62.590	48.758
Gipsófila	maço	571.072	811.255	1.067.111	1.276.044
Copo-de-leite	dúzia	566	472	6.703	12.413
Cravina	maço	10.377	6.902	71.007	27.402
Cravo	dúzia	278.724	271.458	326.708	331.392
Cravo-de-defunto	maço	7.161	3.764	14.527	15.294
Crisântemo	maço	8.048.646	8.322.447	9.074.340	9.573.315
Crisântemo	vaso	-	-	400.655	1.147.712
Crisântemo japonês	dúzia	31.310	16.038	31.174	26.721
Estátice	maço	2.760	6.068	84.753	108.320
Estrelícia	dúzia	133.805	130.226	150.238	130.297
Flor do pêssego	maço	213	4.460	12.842	22.449
Gérbera	maço	23.075	17.797	53.042	30.348
Gadíolo	maço	3.352.208	1.021.371	743.021	690.308
Lírio	dúzia	25.200	67.714	130.516	71.951
Margarida	maço	67.740	63.671	92.239	72.341
Mistura de flores	maço	471.431	813.133	1.315.209	789.105
Orquídea	dúzia	10.909	9.903	3.629	4.357
Rainha-margarida	maço	9.952	8.299	14.670	59.768
Rosa	dúzia	3.993.464	3.739.542	4.414.839	4.772.791
Flores secas					
Flor de trigo	maço	13.571	20.412	55.305	74.362
Sempre-viva	dúzia	34.279	19.337	77.269	89.389
Folhagens					
Dracena	maço	13.971	32.029	128.148	133.819
Eucalipto cinerea	maço	86.543	42.540	35.896	41.127
Samambaia	maço	2.148.876	1.945.846	2.968.717	3.285.321

Fonte: Elaborado no Instituto de Economia Agrícola a partir de dados básicos da CEAGESP (4).

QUADRO 2. - Quantidade Comercializada de Flores e Folhagens Ornamentais na Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo, 1983-90

(continua)

Flores e folhagens	Unidade	1983	1984	1985	1986
Flores naturais					
Antúrio	dúzia	80.193	37.036	81.507	36.067
Boca de leão	maço	3.490	20.158	62.590	48.758
Gipsófila	maço	571.072	811.255	1.067.111	1.276.044
Copo-de-leite	dúzia	566	472	6.703	12.413
Cravina	maço	10.377	6.902	71.007	27.402
Cravo	dúzia	278.724	271.458	326.708	331.392
Cravo-de-defunto	maço	7.161	3.764	14.527	15.294
Crisântemo	maço	8.048.646	8.322.447	9.074.340	9.573.315
Crisântemo	vaso	-	-	400.655	1.147.712
Crisântemo japonês	dúzia	31.310	16.038	31.174	26.721
Estátice	maço	2.760	6.068	84.753	108.320
Estrelícia	dúzia	133.805	130.226	150.238	130.297
Flor do pêssego	maço	213	4.460	12.842	22.449
Gérbera	maço	23.075	17.797	53.042	30.348
Gadíolo	maço	3.352.208	1.021.371	743.021	690.308
Lírio	dúzia	25.200	67.714	130.516	71.951
Margarida	maço	67.740	63.671	92.239	72.341
Mistura de flores	maço	471.431	813.133	1.315.209	789.105
Orquídea	dúzia	10.909	9.903	3.629	4.357
Rainha-margarida	maço	9.952	8.299	14.670	59.768
Rosa	dúzia	3.993.464	3.739.542	4.414.839	4.772.791
Flores secas					
Flor de trigo	maço	13.571	20.412	55.305	74.362
Sempre-viva	dúzia	34.279	19.337	77.269	89.389
Folhagens					
Dracena	maço	13.971	32.029	128.148	133.819
Eucalipto cinerea	maço	86.543	42.540	35.896	41.127
Samambaia	maço	2.148.876	1.945.846	2.968.717	3.285.321

Fonte: Elaborado no Instituto de Economia Agrícola a partir de dados básicos da CEAGESP (4).

QUADRO 2. - Quantidade Comercializada de Flores e Folhagens Ornamentais na Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo, 1983-90

(continua)

Flores e folhagens	Unidade	1983	1984	1985	1986
Flores naturais					
Antúrio	dúzia	80.193	37.036	81.507	36.067
Boca de leão	maço	3.490	20.158	62.590	48.758
Gipsófila	maço	571.072	811.255	1.067.111	1.276.044
Copo-de-leite	dúzia	566	472	6.703	12.413
Cravina	maço	10.377	6.902	71.007	27.402
Cravo	dúzia	278.724	271.458	326.708	331.392
Cravo-de-defunto	maço	7.161	3.764	14.527	15.294
Crisântemo	maço	8.048.646	8.322.447	9.074.340	9.573.315
Crisântemo	vaso	-	-	400.655	1.147.712
Crisântemo japonês	dúzia	31.310	16.038	31.174	26.721
Estátice	maço	2.760	6.068	84.753	108.320
Estrelícia	dúzia	133.805	130.226	150.238	130.297
Flor do pêssego	maço	213	4.460	12.842	22.449
Gérbera	maço	23.075	17.797	53.042	30.348
Gadíolo	maço	3.352.208	1.021.371	743.021	690.308
Lírio	dúzia	25.200	67.714	130.516	71.951
Margarida	maço	67.740	63.671	92.239	72.341
Mistura de flores	maço	471.431	813.133	1.315.209	789.105
Orquídea	dúzia	10.909	9.903	3.629	4.357
Rainha-margarida	maço	9.952	8.299	14.670	59.768
Rosa	dúzia	3.993.464	3.739.542	4.414.839	4.772.791
Flores secas					
Flor de trigo	maço	13.571	20.412	55.305	74.362
Sempre-viva	dúzia	34.279	19.337	77.269	89.389
Folhagens					
Dracena	maço	13.971	32.029	128.148	133.819
Eucalipto cinerea	maço	86.543	42.540	35.896	41.127
Samambaia	maço	2.148.876	1.945.846	2.968.717	3.285.321

Fonte: Elaborado no Instituto de Economia Agrícola a partir de dados básicos da CEAGESP (4).

FIGURA 2. - Variação Estacional dos Índices de Preços e de Quantidades de Crisântemos Comercializados na CEAGESP, São Paulo, 1983-87.

Fonte: Elaborada no Instituto de Economia Agrícola a partir de dados básicos da CEAGESP.

cia de informações sobre os preços praticados; grandes quantidades de orquídeas aportam ao mercado nos meses de março-junho (outono) e setembro-outubro (primavera), coincidindo com as épocas de floração da *Cattleya labiata* Lindl, e de seus híbridos de floração outonal e da *Laelia purpurata* Lindl, que floresce na primavera (figura 4). Recentemente (após 1989), até a coleta das informações estatísticas das quantidades foi interrompida o que poderá dificultar análises futuras, uma vez que o perfil de produção dessas flores está se alterando bastante, sendo crescente a produção e oferta de *Dendrobiums* (após 1987), *Cymbidiums* e *Phalaenopsis* (após 1989), com produções em larga escala nas regiões de Mogi das Cruzes e São José dos Campos, municípios próximos da Grande São Paulo.

3.2 - O Comércio Externo

Embora não existam dados mais recentes sobre o comércio mundial de produtos da floricultura, sabe-se que em 1987, segundo as Nações Unidas, esse comércio atingiu o montante de US\$4,7 bilhões, sendo que os principais países exportadores de flores e folhagens ornamentais cortadas, plantas ornamentais vivas e bulbos eram a Holanda (57,9%), a Itália (8,7%), a Dinamarca (6,2%), a Colômbia e a Bélgica/Luxemburgo (4,5% cada um); o Brasil participava apenas com 0,2% desse valor. Os principais países importadores eram a República Federal da Alemanha (30,5%), a França (11,4%), os Estados Unidos da América (10,4%), a Inglaterra (7,7%), a Itália (6,3%) e a Holanda (6,1%).

Já em 1990, o Brasil exportou US\$9,2 milhões de flores e produtos da floricultura representando um cresci-

mento da ordem de 122% em relação ao valor exportado sete anos atrás (1983), ou crescimento à taxa média de 12% ao ano no período, o que demonstra o dinamismo do setor (quadro 3). Participaram expressivamente desse total, considerando-se a média dos valores no período de 1988-90, as exportações de rosas cortadas (19,1%), de flores secas (19,1%), de folhagens (10,2%), de bulbos (8,9%), de outras flores (3,0%), de mudas de orquídeas (2,9%), de gladiolos (2,0%), de mudas de dracenas (1,0%) e, finalmente, sob a rubrica "outras mudas" (33,8%), foram exportados entre outros, vasos de violetas africanas, cactos, azaléias, crisântemos e samambaias (figura 5).

Ressalte-se que o alto custo do frete aéreo, principal via de exportação dos produtos perecíveis da floricultura, segundo afirmativa de BELO (3), aliado à estrutura inadequada dos aeroportos, segundo depoimento de ANTOINE (2), pois apenas o Aeroporto Internacional de São Paulo (Cumbica) possui câmara fria para armazenagem de flores cortadas, têm criado sérios problemas para os exportadores. Adicionalmente, os tramites burocráticos morosos, como apontou GATTI (10), apesar das recentes desregulamentações promovidas pelo atual Governo (Portarias n.ºs. 8 e 9 do DECEX, de 13/05/91), continuam dificultando as vendas para o exterior.

As exportações de rosas têm crescido expressivamente desde meados da década de oitenta, graças à expansão da cultura na região de Barbacena (MG) e no Estado de São Paulo; mais recentemente, segundo DURÃO (8), alguns cooperados da HOLAMBRA receberam financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) objetivando triplicar a produção de rosas voltada para a exportação; este é, pois, um segmento que está se firmando no setor graças à produção bem conduzida e em larga escala, além da confiança dos compradores europeus sobre a qualidade e sistematicidade de oferta do produto.

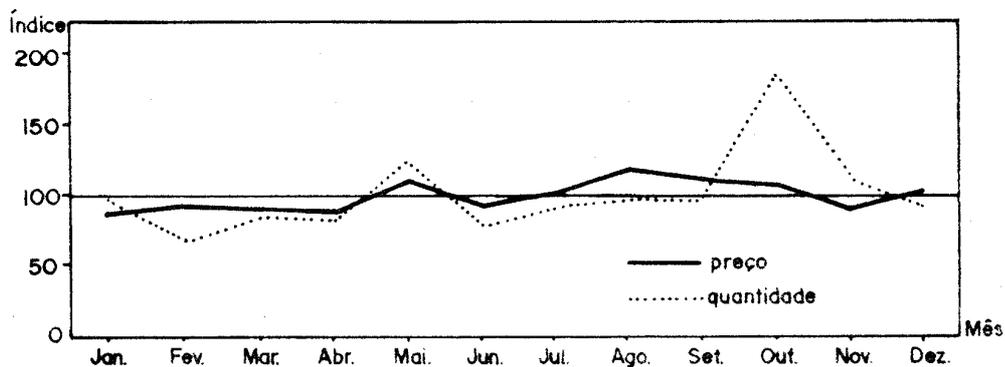


FIGURA 3. - Variação Estacional dos Índices de Preços e de Quantidades de Gladiolos Comercializadas na CEAGESP, São Paulo, 1983-87.

Fonte: Elaborada no Instituto de Economia Agrícola a partir de dados básicos da CEAGESP.

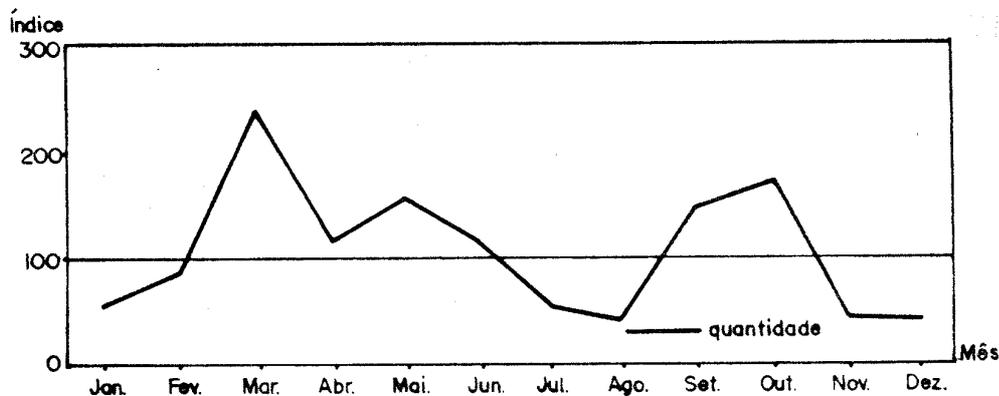


FIGURA 4. - Variação Estacional dos Índices de Quantidades de Orquídeas Comercializadas na CEAGESP, São Paulo, 1983-87.

Fonte: Elaborada no Instituto de Economia Agrícola a partir de dados básicos da CEAGESP.

QUADRO 3. - Valor das Exportações Brasileiras de Flores e Produtos da Floricultura, 1983-90

(em US\$1.000 FOB)

(continua)

Produto	1983		1984		1985		1986	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%
Rosas	63,2	1,5	76,6	1,5	258,7	4,5	383,2	6,5
Gladíolos	534,9	13,0	309,5	6,1	404,7	7,1	285,2	4,8
Outras flores frescas	214,2	5,2	316,4	6,2	223,6	3,9	294,3	5,0
Flores secas	1.058,0	25,7	1.284,5	25,3	1.474,8	25,8	1.347,1	22,9
Folhagens	521,7	12,6	641,1	12,7	701,7	12,3	714,4	12,1
Bulbos	213,3	5,2	492,3	9,7	521,7	9,1	450,8	7,7
Mudas de orquídeas	147,6	3,6	157,3	3,1	150,9	2,6	192,1	3,3
Mudas de dracenas	92,7	2,2	113,4	2,2	301,2	5,3	205	3,5
Outras mudas(1)	1.279,0	31,0	1.676,0	33,1	1.675,5	29,3	2.011,7	34,2
Total	4.124,6	100,0	5.067,1	100,0	5.712,8	100,0	5.883,8	100,0

(1) Vasos de cactos, violetas africanas, azaléias, crisântemos e samambaias, entre outros.

Fonte: Elaborado no Instituto de Economia Agrícola (IEA), a partir de dados básicos da CACEX e do DECEX (6, 7).

QUADRO 3. - Valor das Exportações Brasileiras de Flores e Produtos da Floricultura, 1983-90

Produto	(em US\$1.000 FOB)								(conclusão)
	1987		1988		1989		1990		
	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%	
Rosas	433,8	7,2	907,5	13,5	1.548,7	21,5	2.049,5	22,4	
Gladíolos	204	3,4	196,6	2,9	164,9	2,3	73,4	0,8	
Outras flores frescas	306,9	5,1	246,2	3,7	210,5	2,9	216,1	2,4	
Flores secas	1.432,0	23,8	1.262,7	18,8	1.295,7	18,0	1.878,7	20,5	
Folhagens	655,4	10,9	780,8	11,7	730,9	10,2	794,7	8,7	
Bulbos	391,2	6,5	697,9	10,4	764,4	10,6	539,2	5,9	
Mudas de orquídeas	200,9	3,3	241,1	3,6	183,6	2,6	225,9	2,5	
Mudas de dracenas	123,7	2,1	112,0	1,7	79,2	1,1	29,3	0,3	
Outras mudas(1)	2.279,1	37,8	2.255,8	33,7	2.209,7	30,7	3.354,9	36,6	
Total	6.027,0	100,0	6.700,4	100,0	7.187,6	100,0	9.162,7	100,0	

(1) Vasos de cactos, violetas africanas, azaléias, crisântemos e samambaias entre outros.

Fonte: Elaborado no Instituto de Economia Agrícola (IEA), a partir de dados básicos da CACEX e do DECEX (6, 7).

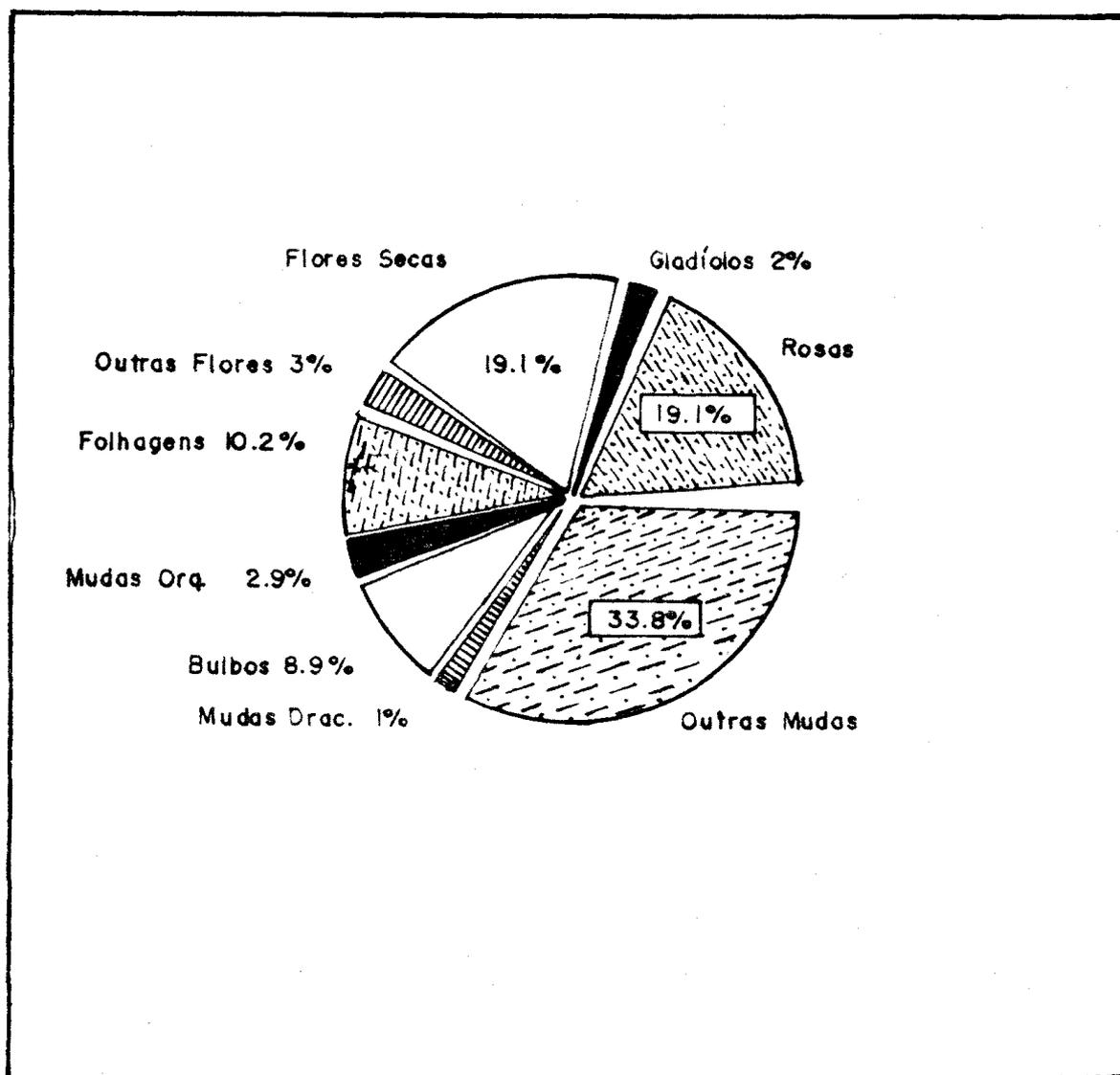


FIGURA 5. - Participações Percentuais dos Produtos da Floricultura nas Exportações Brasileiras do Setor, 1988-90.

Fonte: Elaborada no Instituto de Economia Agrícola a partir de dados básicos da CEAGESP.

Tradicionalmente, o Brasil tem exportado flores secas, as chamadas sempre-vivas, para os Estados Unidos, Europa e Japão, para serem utilizadas em arranjos ornamentais, alcançando valores comerciais elevados.

A produção dessas flores é extrativa, tendo se tornado atividade econômica importante nas regiões onde ocorrem; destaca-se como principal centro de comercialização desse produto o município de Diamantina (MG), constituindo-se em importante fonte de renda para a população local, segundo GIULIETTI et alli (11).

Em 1990, o Brasil exportou US\$1,9 milhão de flores secas, valor significativo, porém, aproximadamente, a metade do que se exportava no final da década de setenta, por exemplo. As quantidades remetidas para o exterior têm decrescido, segundo os autores anteriormente citados, em função de sobreesforço de coleta, dificultando a recuperação das populações dessas plantas, invasão das áreas de ocorrência por atividades agropecuárias e concorrência de países africanos com oferta de plantas similares.

A participação do item "outras mudas" no valor da exportação de produtos de floricultura tem sido expressiva, crescente e em torno dos 30% nos últimos anos. Em 1990 exportou-se US\$3,4 milhões; infelizmente, as estatísticas da CACEX e do DECEX são agregadas em demasia, dificultando o conhecimento do comportamento detalhado de seus componentes. Sabe-se, informalmente, que as exportações de cactos enxertados são sistemáticas e que têm sido realizadas remessas de vasos de crisântemos, de violetas africanas, de mudas de roseiras enxertadas, azaléias bromélias, etc.

A exportação de mudas de orquídeas tem sido estável, acima dos US\$200 mil nos últimos anos. Os principais estabelecimentos exportadores ou são tradicionais no ramo, tais como: FLORALIA Orquidários Reunidos Ltda e Orquidário BINOT Ltda, do Esta-

do do Rio de Janeiro; ou de instalação recente, tais como: EQUILAB Biotecnologia e Agropecuária Ltda e CONTINENTAL FLOWERS Importação e Exportação Ltda, do Estado de São Paulo. O comércio externo de mudas de orquídeas exige qualidade fitossanitária dos produtos ofertados, além do fato de que as mudas devem, necessariamente, ter sido produzidas através de sementes ou de micropropagação, pois várias espécies se encontram protegidas por legislação internacional e relacionadas nos anexos da Convenção sobre Comércio Internacional das Espécies da Flora e Fauna Selvagens em Perigo de Extinção (CITES), apesar de que excessos em nome dessa convenção possam ser cometidos, como aponta AGNES (1); nesse sentido, o comércio de plantas, coletadas nas inatas tende a se tornar inviável, o que favorecerá sobremaneira os estabelecimentos que possuam instalações laboratoriais adequadas ou que se utilizem de serviços laboratoriais biotecnológicos específicos, pois este subsetor de serviços já existe em atividade em algumas cidades.

A exportação de bulbos, principalmente de gladiolos, atingiu, em 1990, US\$540 mil e cerca de 750 toneladas; têm crescido acentuadamente nos últimos anos, fruto, basicamente, do esforço de produtores associados da HOLAMBRA. Nas condições de clima do Brasil, segundo SOUZA (16), é possível produzir-se bulbos de gladiolos durante todo o ano e o período de seu crescimento e amadurecimento é inferior relativamente ao cultivo europeu, o que oferece vantagens comparativas na sua exploração.

Recentemente, segundo reportagem de JORGE (14), agricultores dessa mesma cooperativa importaram bulbos de tulipas holandesas e iniciaram a produção de bulbos na região de Camanducaia (MG). Se a iniciativa der certo, o Brasil poderá vir a exportar bulbos de tulipas a preços compensadores para a própria Holanda.

A exportação de folhas e folhagens, frescas e secas, branqueadas

ou tingidas foi estável no período analisado e atingiu, em 1990, US\$795 mil; a maior participação nesse montante diz respeito às folhas e folhagens que sofreram processo de secagem/desidratação e/ou branqueamento/tingimento. Essas folhagens são utilizadas nos arranjos florais e, basicamente, são folhas de diversas espécies de samambaias, palmeiras, avencas, etc, que passaram por esse processo artesanal de acabamento.

Finalmente, as exportações brasileiras de flores de gladiolos e mudas de dracenas (*Dracaena fragrans*, *D. deremensis*, *D. marginata*, *Cordyline terminalis*, etc.) tem decrescido nos últimos anos; no caso dos gladiolos, a exportação em 1990 atingiu apenas US\$73 mil, ou sete vezes menos do que se exportou em 1983. Explica-se o fato pelos poucos cultivares adaptados e em cultivo no País, concorrendo portanto em desvantagem com a maior diversidade da produção européia, segundo reportagem da revista A GRANJA (9); no caso das dracenas exportaram-se apenas US\$29 mil, cerca de nove vezes menos do valor exportado em 1985, por exemplo; além das poucas espécies e suas variedades em cultivo no Brasil, a legislação dos países importadores, segundo estudo do International Trade Centre UNCTAD/GATT (12), é bastante rígida com relação à fitossanidade das mudas. Adicionalmente, a expansão da produção de mudas de dracenas na América Central e países da Ásia, com preços competitivos, e, novamente, a questão do pouco estudo e desenvolvimento das embalagens para exportação das mudas, colocam o produto brasileiro em desvantagem, relativamente ao produzido em outros países.

4 - CONCLUSÕES

Do estudo realizado ficaram evidenciados alguns problemas relati-

vos à comercialização de produtos da floricultura.

No que diz respeito às estatísticas de comércio do setor, percebeu-se que as referentes a exportações, coligidas e divulgadas pelo DECEX, segundo a NBM, são por demais agregadas em alguns casos, dificultando o acompanhamento de sub-setores específicos. Nesse sentido, qualquer diligência por parte da Coordenadoria de Estatísticas de Comércio Exterior daquele órgão, procurando desmembrar alguns itens (NBM:0602.99.0103 - mudas de plantas ornamentais; exceto orquídeas e NBM:0602.99.0199 - qualquer outra muda de planta viva), seria de grande valia para os que acompanham a evolução econômica da floricultura de exportação.

Com relação às estatísticas de comércio interno, elas são escassas e quando existentes, como é o caso das estatísticas de comércio de flores do entreposto atacadista da cidade de São Paulo, são descontínuas e/ou necessitando de melhor definição e padronização das informações coletadas em certos casos.

Sobre a questão do comércio interno organizado nas regiões de produção, a iniciativa de determinada cooperativa de produtores em estabelecer leilões de produtos da floricultura mostrou que pode ser uma boa alternativa, tanto na defesa de preços e escoamento rápido de produtos para os cooperados, como maior agilidade, transparência de preços e melhor qualidade para os compradores atacadistas. O incentivo oficial a essa forma de comercialização, bem como ao associativismo, poderá estimular não apenas a floricultura como os demais setores agropecuários, descentralizando e colocando o comércio junto aos locais de concentração da produção e, principalmente, junto e sob o comando dos produtores.

Quanto ao comércio externo, o setor mostrou sua dinamicidade com o crescimento do valor exportado, no período 1983-90, à taxa de 12% ao ano.

A política de crédito rural adequada-mente aplicada, particularmente o crédito de investimento para a expansão de cultivos, obras de irrigação, construção de estufas e mesmo de laboratórios de micropropagação, poderá incentivar sobremaneira a floricultura nacional.

Relativamente à questão da inexistência de instalações adequadas (câmaras frias) para o armazenamento das cargas de produtos perecíveis da floricultura de exportação, na maioria dos aeroportos brasileiros, aliada à questão das tarifas e fretes, seriam através de fácil resolução, uma vez que a simples discussão das partes envolvidas, sob coordenação dos órgãos oficiais pertinentes poderia, por um lado, estabelecer prioridades de investimentos para a Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (INFRAERO), buscando melhor adequação dos aeroportos para o armazenamento de cargas especiais, e por outro estabelecer tarifas e fretes mais adequados.

Com relação a aspectos ligados à produção de flores e plantas ornamentais, as instituições oficiais de pesquisa poderiam contribuir com informações técnicas de grande importância para sanar alguns problemas detectados; desse modo, o decréscimo da exportação de flores secas, por exemplo, poderia ser revertido no médio prazo pela coleta controlada e/ou desenvolvimento de técnicas de cultivo orientadas para a produção comercial.

No caso do decréscimo das exportações de gladiolos, a adaptação e seleção de novos cultivares, que poderiam ser introduzidos nos cultivos comerciais sob orientação de técnicos da pesquisa oficial, seriam de grande valia; já com relação ao decréscimo das exportações de dracenas, além da pesquisa sobre novos cultivares e técnicas de cultivo e micropropagação, o tratamento fitossanitário pós-colheita das mudas e a pesquisa de embalagem muito ajudariam para incrementar as exportações desse produto.

Cabe ressaltar que a intera-

ção pesquisa oficial/iniciativa privada tem gerado bons frutos no caso do Estado de São Paulo. O Instituto Agrônomo de Campinas, através da Seção de Flores e Plantas Ornamentais, tem atuado junto a cooperativas de produtores e estabelecimentos comerciais no sentido de introdução e adaptação de novos cultivares, desenvolvimento de técnicas de cultivo, de manejo de pragas e doenças, entre outros, com grande sucesso.

LITERATURA CITADA

1. AGNES, Roberto. Conversa com os editores. Orquidário, Rio de Janeiro, 5(2):4-5, abr./jun. 1991.
2. ANTOINE, Eli. Burocracia ajuda a reduzir a exportação de flores. Folha de São Paulo, São Paulo, 13 mar. 1990. Agrofolla, p.G.3.
3. BELO, Eduardo. Holambra vende US\$100 mil/dia em flores. Folha de São Paulo, São Paulo, 04 set. 1990. Agrofolla, p.G-1.
4. BOLETIM ANUAL. São Paulo, CEAGESP, 1983-1990.
5. CARDOSO, Roberto & SILVA, Walde-
mar. Intermezzo, 6. Boletim da Sociedade Brasileira de Orquidófilos, Rio de Janeiro, 4(3):98-101, maio/jun. 1961.
6. COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL: exportação. Rio de Janeiro, Ministério da Economia e Planejamento, DECEX, 1989-1990.
- 7, _____: _____. Rio de Janeiro, Banco do Brasil, CACEX, 1983-1988.
8. DURÃO, Vera S. Crédito para

- exportar rosas. Gazeta Mercantil, São Paulo, 11 jul. 1990. p.1.
9. FLORES: o perfume de um belo negócio. A Granja, Porto Alegre, 46(506):22-27, 1990.
 10. GATTI, Elcio U. A evolução recente do setor de flores e plantas ornamentais no Brasil. Agricultura em São Paulo, SP, 35(1):123-147, 1988.
 11. GIULIETTI, Nelson et alli. Estudos em sempre-vivas: importância econômica do extrativismo em MG, Brasil. Acta Botânica Brasileira, São Paulo, 1(2) : 179-193, 1988.
 12. INTERNATIONAL TRADE CENTRE UNCTAD/GATT. Floricultural products; study of major markets. Geneva, 1987. 333p.
 13. INTERNATIONAL TRADE STATISTICS YEARBOOK. New York, United Nations, 1987. v.2.
 14. JORGE, Wanda. Brasil fará plantio imediato de tulipas na região de Camanducaia. Gazeta Mercantil, São Paulo, 05 jul. 1990.
 15. RELATÓRIO ANUAL. Brasília, Banco Central do Brasil, 1990.
 16. SOUZA, Hermes M, Instruções para a cultura de gladiolos. Campinas, Secretaria da Agricultura,